

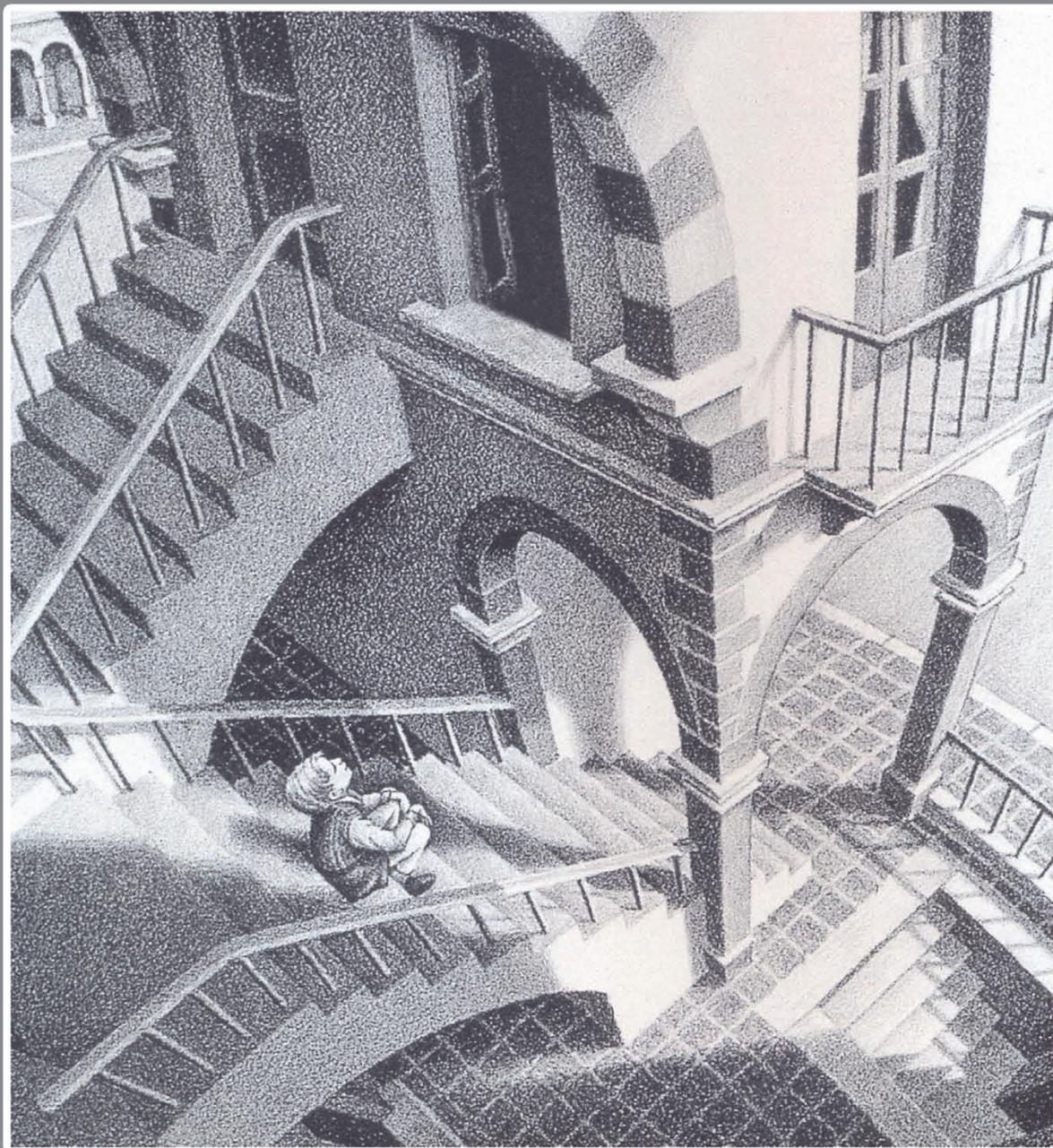


Boletim do Instituto de Saúde

Ano XII - nº 40 - Dezembro de 2006

ISSN 1518 - 1812 / On Line: 1809 - 7529

**J
U
V
E
N
T
U
D
E
S**



& Vulnerabilidades



Sumário

❖ Editorial.....	3
❖ A Construção Sócio-Histórica da Adolescência e as Políticas Públicas.....	4
❖ Desigualdades Raciais na Mortalidade de Adolescentes: determinação biológica, social ou racismo institucional.....	9
❖ Juventude, Saúde Sexual e Reprodutiva e Gênero: considerações a partir de uma pesquisa com estudantes universitários.....	12
❖ Juventude e Vulnerabilidade Sexual em Situações de Lazer-Festa.....	15
❖ Educação Sexual na Escola e Direitos Sexuais e Reprodutivos.....	18
❖ O Desenvolvimento das Estereotípias de Gênero: considerações a partir da brincadeira infantil.....	21
❖ Indicadores para o Monitoramento da Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes na Rede de Atenção Básica: a definição de linha de base para programas de serviços amigáveis.....	24
❖ BR-116 - O Caminho da Prevenção: intervenção social para a prevenção de DST e aids entre jovens que se prostituem em rodovias.....	27
❖ A Forma, a Fôrma e o Multiforme: juventude e trabalho no setor informal urbano.....	30
❖ Vidas Arriscadas: um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas.....	34
❖ Percepção sobre Usuários de Drogas e Serviços Disponibilizados.....	37
❖ Redução de Danos como Estratégia de Prevenção de Drogas entre Jovens.....	39
❖ Uma Proposta Construtivista para a Prevenção ao Abuso de Drogas.....	43

**BIS – Boletim do Instituto de Saúde
Nº 40 – Dezembro de 2006
ISSN 1518-1812 / On line 1809-7529**

Publicação Quadrimestral do Instituto de Saúde
Rua Santo Antônio, 590
01314-000 - Bela Vista - São Paulo / SP
Email: editora@isaude.sp.gov.br
Site: www.isaude.sp.gov.br
Tiragem: 2000 exemplares

Secretário de Estado da Saúde de São Paulo:
- Luiz Roberto Barradas Barata

Coordenadora de Ciência, Tecnologia:
e Insumos Estratégicos de Saúde
- Maria Cecília Marchese da Mota Azevedo Correa

Diretor do Instituto de Saúde:
- Alexandre Grangeiro

Expediente:

Editoras: Marisa Feffermann e Regina Figueiredo

Comissão Editorial: Lenise Mondini; Marisa Feffermann; Olga Sofia F. Alves; Regina Figueiredo; Sandra M. Tavares Greger; Sílvia Helena Bastos

Colaboradores: Conceição Caetano; Jacqueline Serafim de Freitas; Lígia Rivero Pupo; Kátia Cibelle Machado Pirotta; Luro Cesar Ibanhes; Maria de Lima Salum e Moraes; Marta Mc Britton; Renato Barboza; Sylvia Cavin; Sandra Unbehau; Sílvia H. Bastos; Tânia Cunha; Valderi Vieira

Revisão Bibliográfica: Carmen C. Paulenas

Revisão de Texto: Dulce Rocha, Fernando Fulanetti e Marcelo Rouanet

Apoio Logístico: Assessoria de Comunicação – IS

Responsável Administrativa: Vânia Feres

Divulgação: Núcleo de Documentação e Informação – IS

Editoração: Assessoria de Comunicação da SES/SP

Capa e ilustrações internas: montagens com imagens de Maurits Cornelis Escher: “Acima e Embaixo”.

CPT, impressão e acabamento: **Imprensa Oficial**

As informações, análises e opiniões expressas nos artigos desta publicação são de responsabilidade de seus autores.

É permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta edição, desde que mantidos os créditos dos autores e suas respectivas instituições.



SECRETARIA
DA SAÚDE



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCE

Juventude e Vulnerabilidade Sexual em Situações de Lazer-Festa

Regina Figueiredo¹
Marta Mc Britton²
Tânia Cunha³

Introdução

Este artigo relata resultados e conclusões obtidos na pesquisa realizada em 2006, durante o carnaval do Guarujá/SP (MC BRITTON; FIGUEIREDO, 2006), que procurou avaliar o comportamento sexual e, conseqüentemente, a situação de exposição às doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo a aids e à gravidez não-planejada de jovens e adolescentes em situação de lazer e festa.

Resume também, ao final, a iniciativa da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador (CUNHA, 2007) de disponibilizar camisinhas e também a contracepção de emergência (pílula do dia seguinte), no mesmo período festivo na Bahia, oferecendo alternativas de intervenção às vulnerabilidades similares àquelas notadas na pesquisa.

Contexto

Com o crescimento da aids entre a população adolescente e jovem brasileira, fatores que contribuem para a exposição de risco em práticas sexuais sem prevenção têm sido cada vez mais estudados e detalhados. No Brasil, conforme os dados do Ministério da Saúde, foram notificados 371.827 casos de aids, sendo que, entre 2000 e 2005, 8,3% das notificações femininas e 13% das masculinas estavam na faixa etária entre 15 e 30 anos (DATASUS, 2007). Esses casos resultam de parcerias fixas como namoros e casamentos, mas também de relações típicas da população jovem e adolescente com parceiros eventuais, os 'ficantes'.

Considera-se que a freqüência de adolescentes e jovens em ambientes desinibidos de lazer, em festas e aglomerações, onde há ampliação de uso de bebidas alcoólicas (e às vezes outras drogas), facilita contatos e exposições a comportamentos sexuais de risco com relação às DST/aids e gravidez não-planejada.

Metodologia

O estudo foi realizado no município do Guarujá/SP por meio de levantamento quantitativo utilizando questionários semi-estruturados, aplicados por pesquisadores treinados. Participou da pesquisa um público adolescente e jovem na praia de Pitangueiras, durante o carnaval de 2006, e residente na comunidade Vicente de Carvalho, nos três dias posteriores ao evento, totalizando 834 pessoas entrevistadas (430 homens e 404 mulheres). A abordagem dos entrevistados foi feita na rua, às redondezas do trailer do Barong, onde ocorreu uma intervenção educativa com distribuição de materiais e preservativos.

O instrumento abordou o conhecimento de métodos contraceptivos, as formas cotidianas e esporádicas (de festa) de consumo de drogas, incluindo o álcool, além da vivência de parcerias afetivas ou sexuais, comportamento contraceptivo e de prevenção de DST/aids e noções de auto-risco relativas a esses.

Resultados

Observou-se que esta população possui amplo conhecimento de métodos contraceptivos, independente de raça, escolaridade ou origem. A camisinha foi espontaneamente citada por 97,2% e a pílula anticoncepcional por 76,6%. As mulheres demonstraram ter informação mais variada sobre métodos contraceptivos, porém o coito interrompido, a camisinha masculina e a esterilização masculina têm referências espontânea maior entre homens. A 'tabelinha' é igualmente lembrada entre homens e mulheres.

A maioria dos entrevistados se considera "bem" (53,4%) ou "mais ou menos" (37%) informado sobre prevenção de gravidez e "bem" (55,5%) ou "mais ou menos" (33,8%) informado sobre DST e aids. A principal fonte de informação (apontada por 57,2% com relação à gravidez e 62,1% com relação às DST/aids) é a escola, seguida pela família, principalmente entre o público de 13 a 17 anos, e pela TV.

Dentre os entrevistados, 72,3% já haviam feito sexo (83% dos homens e 60% mulheres). Desses, a maioria absoluta (95%) fez e faz uso atual de contraceptivos, principalmente, a camisinha masculina, já adotada por 85,7%, e a pílula anticoncepcional, usada por 43,1%. Esses métodos são de uso atual de 80,4% (90,9% dos homens e 65,9% das mulheres que já fizeram sexo) e 9,2%, respectivamente.

A contracepção de emergência foi citada espontaneamente por 17%. Entre os que já mantiveram relações sexuais ela é conhecida (pergunta estimulada) por 75,4%, em todas as faixas etárias até 30 anos. Este método já foi utilizado por 31,2% (39,4% das entrevistadas e 25,3% de parceiros de entrevistados em relações com eles). Esse uso foi predominante (67,4%) na faixa etária de 18 a 20 anos, mas também esteve presente em 28,5% de indivíduos entre 15 e 17 anos e 25,3% entre os de 13 a 14 anos.

¹Socióloga, Mestre em Antropologia da Saúde e Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde – Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: reginafigueiredo@isaude.sp.gov.br

²Formação em Artes Cênicas e Presidente do Instituto Cultural Barong.

Contato: martamcbrilton@gmail.com

³Assistente Social, Especialização em Terapia de Família e Mestranda em Família Contemporânea e Sociedade pela UCSAL, Coordenadora da Área Técnica de Saúde da Mulher da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador/BA. Contato: saudemulher.salvador@hotmail.com ou mulher.saude@salvador.ba.gov.br

Este uso ocorreu, pela maioria (85,7%), em uma (45,5%) ou duas a três vezes (40,2%) em situações de risco e, apenas, 14,3% utilizaram acima de quatro vezes.

A maior razão para adoção da contracepção de emergência foi o não-uso anterior de método (50%), seguido pelo uso em situações de falha de preservativos (40,4%) e de não-realização de coito interrompido combinado (4,8%). Dentre os que já utilizaram esse método, apenas 2,7% não adotam atualmente método contraceptivo; a maioria absoluta (80,1%) utiliza a camisinha de forma única (56,5%) ou associada a outro contraceptivo (23,6%).

A camisinha é uma escolha contraceptiva atual exclusiva de 62,1% (78,1% dos homens e 39,1% das mulheres) e também utilizada associada a outros métodos, como dupla-proteção por 18,4%: 17% a associam à pílula, 1,2% à injeção de hormônio e 0,2% ao DIU. As associações do preservativo com métodos de alta eficácia foram mais frequentemente citadas pelas mulheres entrevistadas (26,8% delas).

O preservativo é utilizado em todas as relações por pouco mais da metade dos entrevistados (57,9%). Os demais (42,1%) utilizam o método com interrupções (24,1%) ou raramente (17,6%).

Percebe-se que relações com parceiros fixos direcionam a utilização da pílula anticoncepcional (45% desses aderiram ao método), ao mesmo tempo em que implica no abandono do uso de camisinhas (13,9% das usuárias de pílula abandonaram o uso do preservativo; embora 21,1% ainda continuem utilizando-o como dupla-proteção).

A maioria absoluta dos entrevistados se preocupa com a prevenção de gravidez (94%) e de DST/aids (97,2%), embora metade deles não se considere em risco de engravidar ou engravidar uma parceira (56,9%) ou de se infectar com DST/HIV (67,4%). A exposição às DST/aids não está relacionada aos grupos de risco, segundo a maioria; eles demonstraram ter noção de que as pessoas mais sujeitas à infecção são as que não utilizam preservativo (resposta espontânea de 41,5%) ou qualquer pessoa (24,8%). Apenas 15,7% e 14,1% associaram esse risco a profissionais do sexo e homo ou bissexuais, respectivamente. Esse dado é importante para mostrar a eficácia das estratégias de demonstrar e atualizar informações para o público jovem sobre a sua vulnerabilidade.

Para a maioria (65%), ambos os parceiros têm responsabilidade de procurar, obter e realizar a prevenção com uso de preservativos nas práticas sexuais. Cerca de 1/3 (31,2%), no entanto, acredita que esta é uma atribuição de maior responsabilidade do homem.

Em caso de necessidade de aquisição de preservativos no litoral e em festividades, as farmácias foram apontadas espontaneamente como os locais preferidos (por 69,2%) para busca; seguida por postos de saúde (45,3%) e supermercados (13,4%).

Uso de Álcool Rotineiramente e em Festas e Exposição ao Sexo Desprotegido

A maioria dos entrevistados (64,1%) utiliza bebidas alcoólicas: cerveja, consumida por 50,6% e destilados, por 35,6%; esse uso ocorre para 81,1% até uma vez por

semana e 15,5% acima de duas a três vezes. O uso de outros psicotrópicos ocorre por 9,7%, sendo que a maioria (75%) apontou a maconha como substância consumida.

No carnaval, o uso do álcool ocorreu entre 43,2% dos entrevistados (49,2% dos homens e 36,8% das mulheres). A bebida mais utilizada foi cerveja (99,3%), com uso extensivo de mais de seis doses por 46,2% desses consumidores. Outros psicotrópicos também foram utilizados (por 7,5%), principalmente a maconha e o lança-perfume. Esse uso de outras drogas predominou entre a faixa etária dos 15 aos 25 anos.

O álcool se mostrou associado à facilitação de contatos afetivo-sexuais durante o carnaval. A maioria que consome bebidas alcoólicas troca beijos com parceiros (63,4%), contra os que não beberam (37,5%). Também neste evento, o sexo desprotegido atinge metade da população pesquisada (54,5%), relação realizada para 50% dessas pessoas sobre efeito de “muito álcool” e para 18,2% “mais ou menos” alcoolizados. Observa-se que quanto maior a faixa-etária menor é o uso do preservativo nessa situação.

Observa-se que eventos com aglomerado jovem, como o carnaval, se conformam como facilitadores de comportamentos sexuais de risco, com o não-uso de preservativos; fato confirmado pelos próprios entrevistados (62,5%) como “muito provável”. Essa percepção mostrou-se pautada no próprio comportamento, já que 52,8% declararam que fariam sexo sem proteção nesta situação festiva de viagem ao litoral. A situação de risco ocorreria com parceira fixa, mas também é apontada pelos rapazes como possível no contato com mulheres virgens ou que utilizassem outros métodos contraceptivos. A possibilidade geral de adoção de comportamentos de risco é mais relatada por homens (58,8%), do que por mulheres (46,3%).

Comentários

Cavalheiro et al (1999) já haviam apontado a construção das identidades jovens estabelecidas em situações ‘transitórias’ de comportamento que vão além do cotidiano familiar e escolar. Portanto, as situações de lazer com “clima” de festa fazem parte, senão do cotidiano diário desse público, pelo menos de seu comportamento freqüente em intervalos próximos ou regulares.

Com relação à prática sexual (CAVALHEIRO *et al*, 1990), constata-se que esse comportamento de risco se deve ao “grau de conhecimento que se tem da outra pessoa, como a aparência externa e o ‘enamoramto’, além das condições que põem o indivíduo ‘fora do controle’”, como o uso do álcool ou drogas, conforme é relatado pela percepção dos entrevistados. Esse fator também foi observado por Damas e Pacca (1999) no Festival de Inverno de Campos do Jordão - São Paulo.

Tal situação de risco não se mostra ‘rara’ nas condutas jovens, mas sim ‘típica’, alterando padrões de comportamento adotados no cotidiano de não-festa e nas parcerias fixas, favorecendo a troca de parcerias e o sexo desprotegido que origina gestações ou aquisições de DST, incluindo a infecção pelo HIV. Por isso, a importância

de que sejam vistos como elementos fundamentais para serem integrados no planejamento de ações de políticas públicas voltadas à juventude.

Relato de Experiência em Salvador e Necessidade de Outras Iniciativas

A Coordenação de Assistência e Promoção à Saúde (COAPS) – Área Técnica de Saúde da Mulher, da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador, Bahia –, considerando justamente a elevada vulnerabilidade sexual enfrentada pela população jovem durante os festejos, desenvolveu em 2006 a integração da prevenção da gravidez não-planejada, com as ações de prevenção das DST/aids no carnaval. Essa iniciativa adotou o treinamento, a divulgação e a distribuição da contracepção de emergência oferecida à população nas 87 unidades básicas de saúde que realizam o Planejamento Reprodutivo, em nove unidades de plantão para urgências durante o evento, além da habitual distribuição de preservativos.

A iniciativa singular e nova reconhece a característica ‘real’ de comportamento sexual e contraceptivo da população jovem, entre a qual, apesar de campanhas de uso de preservativo, existe a possibilidade de não-adoção de nenhuma medida preventiva, inclusive contraceptiva. Assim, termina por oferecer alternativas múltiplas, inclusive posteriores (pós-coito), para alcançar a promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva, como uma estratégia de redução de risco com relação às práticas sexuais.

Para ‘esclarecer’ qualquer possível má interpretação dessa iniciativa ousada e inovadora, revela-se que das 760 doses disponibilizadas para uso nesses serviços supervisionados e acompanhados diariamente, apenas 11 foram solicitadas e utilizadas, atendendo proporcionalmente mulheres de todas as raças e escolaridades, entre 10 e 49 anos, que por um motivo ou outro não haviam utilizado contracepção em suas relações sexuais. Isso revela que não houve ‘substituição da prevenção’, mas uma complementaridade delas, gerando uma nova forma de ‘leitura’ da realidade e de intervenção estratégica.

Atenção folia: A Secretária Municipal da Saúde tem um recado pra você, não é isso, doutor Davi?

Eu sou Davi Nunes, médico ginecologista e morador de Salvador.

Eu quero lembrar vocês foliões que sexo seguro tem que ser sempre com a camisinha, mas se você esquecer, se a camisinha estourar ou você mulher, tiver algum problema com o método contraceptivo que está usando, a Secretaria Municipal da Saúde tem a Pílula do Dia Seguinte pra você. Basta se dirigir a um dos postos da Rede Municipal da Saúde no carnaval. Após um rápido exame, os profissionais de saúde lhe oferecerão a Pílula do Dia Seguinte e informações de como utilizá-la.

Evite uma gravidez indesejada, cuide bem de você, cuide bem de seu amor...

(Peça de Rádio ‘Contracepção de Emergência’, SESA, Salvador, 2006)

Conclusões

Os resultados da pesquisa apontam que ações visando estratégias preventivas em Saúde Sexual e Reprodutiva de jovens e adolescentes necessitam considerar comportamentos de lazer-festa como ‘comuns’ desse público, juntamente a co-fatores comportamentais ligados a essas situações (maior uso de álcool e drogas), criando-se estratégias que reduzam riscos de exposição sexual sem proteção.

Há necessidade da inclusão de educação contínua (por intermédio da atuação de Secretarias de Educação), paralelamente à difusão momentânea (divulgações e propagandas ligadas à festividade) de orientações preventivas em Saúde para o público, e também da exigência dessa integração na publicidade das próprias bebidas alcoólicas.

Além de ter provocado a disseminação de informações e um salutar debate na sociedade local e informação para a população sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos, a iniciativa da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador, que se optou aqui divulgar, serve de exemplo para que sejam pensadas outras tantas ações e propostas para situações de lazer-festa-aglomeração juvenil, proporcionadoras de contatos afetivos e sexuais intensos e com potencial de risco.

A pesquisa do Guarujá, assim como a iniciativa de ação preventiva em Salvador, corrobora o papel fundamental dos equipamentos públicos para a população nessas situações de viagens, lazer e festividades, demonstrando que estratégias de distribuição de preservativos para a prevenção da infecção pelas DST/HIV devem ser somadas a outras estratégias de redução de riscos de gravidez, entre outras. Quando será incorporada nas ações de Saúde a questão do sexo desprotegido e abuso de álcool? Quando o comércio de lazer e as indústrias serão convidadas a serem parceiras e co-responsáveis pela ampliação dessas ações?

Referências Bibliográficas

CAVALHEIRO, T. et al. Hábitos de uso da camisinha entre jovens em situação de férias. In: FERNANDES, M.E.L.; D’ANGELO, L.A.V.; VIEIRA, E.M. **Prevenção ao HIV/AIDS: a experiência do Projeto AIDSCAP no Brasil**. São Paulo: Associação de Saúde da Família, 1999.

CUNHA, Tânia. **Relatório da distribuição da contracepção de emergência no carnaval de Salvador**. Salvador: Secretaria Municipal de Saúde, 2006. Disponível em: <<http://www.redece.org/salvador2006.pdf>>. Acesso em 31/01/2007.

DATASUS. Disponível em: <<http://www.datasus.org.br>>. Acesso em 31/01/2007.

MC BRITTON; M.; FIGUEIREDO, R. **Comportamento sexual e reprodutivo de uso de álcool, pelos jovens no carnaval – Guarujá - SP**, 2006: relato de pesquisa e proposta de intervenção. São Paulo: Instituto Cultural Barong, 2006. Disponível em: <<http://www.redece.org/livrobarong.pdf>> Acesso em 31/01/2007.



SECRETARIA
DA SAÚDE



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ